

11 de dezembro de 1964

VISTO, LIDO E OUVIDO

ARI CUNHA

A princípio, parecia um tímido. Sorridente, afável, cumprimentava com mesuras as pessoas que ia recebendo, e a confusão de nomes que ouvia ao ser apresentado aumentava ainda mais o seu sorriso às vezes forçado.



Depois de uma apresentação musical excelente, por sinal, fez um discurso extravasando sentimentos, e ainda aí era o homem comum entre todos que o cercavam. Depois, no almoço, bate no prato com o talher, num costume bem brasileiro de chamar a atenção, e começa a dizer o que é, e o que pensa.



Que gigante saiu, nêsse momento, do Reitor Zeferino Vaz. Que caudal de conhecimentos, de experiência, de ponto de vista e de determinação, sentiram os jornalistas presentes ao almoço de ontem na Universidade, quando o Reitor, nove meses depois de assumir o cargo, resolve conversar com os homens de imprensa.



Começou dizendo que nós não temos tradição universitária. Citou as exceções e historiou o que tem sido a vida universitária no Brasil desde 1930, quando começou a existir. Foi seu primeiro ponto de vista externado. O Brasil vivia um regime de exceção, e não podia forjar boas Universidades. Depois veio a ditadura, e tudo piorou.



Não deixou o Reitor de comentar o fato de professores fazerem, nas aulas, pregações políticas. E condenou essa atitude que já chegou a se registrar na nossa UNB. Mas não foi o reacionário hipócrita que alguns poderiam pensar. "Max deve ser ensinado nas Universidades", como outras doutrinas também, sem que o professor interfira, com sua autoridade, na decisão do aluno, que deve partir de si próprio, porque será ele quem irá arcar com as responsabilidades de seus atos pela vida afora.



Mas o prof. Zeferino Vaz, que esperou nove meses para um encontro com os jornalistas, queria, primeiro se cientificar do que ocorria, de fato em sua Universidade, e quando escolheu a hora, era porque estava a par de tudo, tanto do que se fala dentro como fora.